

“TUDO É SERTÃO É MITO E ENCANTAÇÃO”: O ESPAÇO SERTANEJO NO POEMA “CÂNTICO DOS CÂNTICOS”, DE ARTUR EDUARDO BENEVIDES

Fernângela Diniz da Silva

Introdução

“Sertão feroz. Sertão feraz.
Sertão de guerra. Sertão de paz”
 (“Cântico dos Cânticos”, 1984, p.54).

“Tudo é sertão é mito e encantação” (1985, p.53), assim profere o eu-lírico de o “Cântico dos Cânticos” poema elaborado por Artur Eduardo Benevides. O sertão figura-se para além do espaço geográfico, sendo assunto recorrente em muitas obras na Literatura, a exemplo de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos e *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, ocupa no imaginário das artes um lugar simbólico e mítico que, apesar de vivenciar as agruras ocasionadas pelo clima, conserva uma grande riqueza cultural, composta por lendas, costumes e tradições. A temática sertaneja destacou-se na produção literária, principalmente, na geração de 30 do modernismo brasileiro, responsável por refletir, sobretudo, acerca dos problemas sociais vivenciados nesse ambiente tão representativo. É, portanto, devido a sua importância, que o mote do sertão perdura ao longo dos anos no universo das letras.

Artur Eduardo Benevides na obra *Canto de amor ao Ceará*, publicado em 1985, apresentará o poema “Cânticos dos cânticos” expondo como assunto principal o sertão. No texto, presenciaremos a composição do ambiente sertanejo construído por intermédio das descrições físicas, ao caracterizar mobílias, locais e natureza, como também referências aos comportamentos vivenciados nesse espaço real e ficcional, uma vez que é concebido em meio a imagens líricas apelando para a imaginação.

O breve estudo “Tudo é sertão é mito e encantação”: O espaço sertanejo no poema “Cântico dos cânticos”, de Artur Eduardo Benevides”

terá como objetivo identificar os elementos que compõem e representam a construção do sertão, verificando com se dá o ponto de vista e as reflexões do eu-lírico acerca dessa região. Para isso, teremos como embasamento teórico os estudos elaborados por Sânzio de Azevedo, Albertina Vicentino e Janaina Amado. Visando fomentar a literatura feita pelo importante poeta cearense Artur Eduardo Benevides, esta pesquisa procurará contribuir com uma leitura interpretativa e interdisciplinar a respeito de um conteúdo tão relevante e presente na Literatura Brasileira que é o sertão.

Artur Eduardo Benevides – Considerações biográficas¹

*“No coração, contudo, vos abraço
E sigo pelo sonho passo a passo,
Tentando ser moderno e provençal.”
(BENEVIDES, Soneto autobiográfico).*

Nascido no ano de 1923, o cearense Artur Eduardo Benevides é natural da cidade de Pacatuba. No entanto, foi na capital Fortaleza, que exerceu com afinco seu ofício de poeta, contista e ensaísta. Assim como tantos escritores, obteve sua formação acadêmica inicial em Direito, mas desempenhou a função de professor do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, na qual chegou a assumir o posto de diretor do Centro de Humanidades. Além disso, dentre suas atividades incluíam também cargos administrativos e participações em jornais a exemplo do “Correio do Ceará” e do jornal “O Povo”.

Em 1957, tornou-se membro da Academia Cearense de Letras, na qual ocupou a cadeira de número 40 que possuía como patrono o estudioso e médico sobralense Visconde de Saboia. Já no ano de 1985 presenciou um grande reconhecimento ao ser condecorado com o título de Príncipe dos poetas no Ceará. Durante a sua trajetória literária Artur Eduardo Benevides foi agraciado com diversas premiações, tais como os prêmios:

¹ Informações baseadas nos escritos de Sânzio de Azevedo, na obra *Literatura Cearense* (1976) em dados contidos no site “Jornal da poesia”, disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/artur.html>.

Cassiano Ricardo, Filgueiras Lima e José Veríssimo, este último entregue pela Academia Brasileira de Letras entre outros.

O autor possui uma extensa bibliografia, principalmente no que concerne à poesia. Seu trabalho literário exemplifica-se por meio das produções líricas: *Navios da Noite* (1944), *Os Hóspedes* (1948), *A valsa e a fonte* (1950), *O habitante da tarde* (1958), *O tempo, o Caçador e as coisas longamente procuradas* (1965), *Canção da Rosa dos Ventos* (1966), *Viajante da Solidão* (1969), *Viola de Andarilha*. Já relacionados à publicações ensaísticas temos: *A Lâmpada e os Apóstolos* (1952), *Universidade e Humanismo* (1970), *Ideias e Caminhos* (1974), no que diz respeito ao gênero conto apresentou o livro *Caminho sem Horizonte* (1958), ademais publicou inúmeros livros com discursos e estudos voltados, sobretudo a educação.

Importante ressaltar que Artur Eduardo Benevides foi um dos idealizadores do Grupo O Clã, agremiação importante nascida em meados do século XX, na qual discorreremos com mais detalhes no próximo tópico. Aos 91 anos, em 2004, Artur Eduardo Benevides sai de cena deixando o legado de sua literatura e de seus pensamentos valorosos aos admiradores das Letras.

Artur Eduardo Benevides e O Grupo O Clã

O Grupo Clã iniciou-se por volta dos anos 40, composto por intelectuais cearenses que se reuniam para produzir e fomentar a cultura e a arte cearense. Movimento considerado responsável por estabelecer o modernismo no Ceará, apesar da estética modernista ter apresentado como prelúdio a produção dos colaboradores das revistas *Cipó de fogo* e *Maracajá*.

No ano de 1946, os artistas lançam o importante número zero da revista Clã que dizia ser “não, apenas, uma revista de literatura. É, antes, uma revista de todo o Ceará mental”, sendo organizado por Antônio Girão Barroso, Aluizio Medeiros e João Clímaco Bezerra. Segundo Sânzio de Azevedo, “Esse número zero de Clã, hoje raridade bibliográfica, foi lançado a título experimental. O número 1, sob a direção de Fran Martins, saíria somente dois anos depois, em 1948” (1976, p.428). O poeta Artur Eduardo

Benevides participou como um dos idealizadores desse círculo literário, afirmando em um dos seus textos que:

O Grupo Clã foi, incontestavelmente, o maior movimento cultural do Ceará de todos os tempos, prestando relevantes serviços através de reuniões diárias, congressos (um de caráter nacional), criação de suplementos literários e lançamento, para o grande público, de mais de trezentos livros (2007, p.11).

Importante ressaltar que as atividades artísticas aconteciam sob a sombra de um contexto permeado de conflitos provenientes da Segunda Guerra mundial. O próprio poeta descreve por meio da produção do soneto “O Memorial do Grupo Clã”, a atmosfera vivenciada pelos membros da agremiação. Vejamos o segundo quarteto e primeiro terceto deste soneto do poeta cearense (2007, p.13):

Éramos jovens, tontos agitados,
Solidários e fiéis a grandes planos.
E tivemos mais êxitos que danos

Nos felizes decênios passados.
Da Grande Guerra vimos os escombros
E auroras vieram sobre os nossos ombros
Jamais nos encontrando em vãs tardanças.

O Grupo revelou o trabalho de muitos escritores a exemplo de Teobaldo Landim, Francisco Carvalho, Mário Pontes e José Alcides Pinto. Todavia não se restringiu à literatura, uma vez que lançou olhar para outras artes representadas pelo artista plástico Mário Baratta e pelo cineasta Rosenberg Cariri. Como reforça a pesquisadora Vera Moraes (2007) “O grupo teve, assim, o propósito de promover não apenas a obra de alguns escritores isoladamente como também a de novos grupos que se formaram e que representaram de certo modo a continuação do grupo Clã”.

A efervescência das atividades do Grupo reverberou em outras regiões do Brasil, sendo uma agremiação responsável por movimentar a cultura no Ceará por meio de suas publicações relacionadas a Edições Clã, algumas delas refletiam em verso ou em prosa o momento histórico. Os membros expunham seu lirismo sem, no entanto, se afastar do aspecto

crítico acerca do Ceará - perceptível nas peças de Eduardo Campos- além das mais diversificadas visões e expressões apresentadas de um tempo relevante para história.

Como principais representantes o Grupo Clã contava com a participação de Aluísio Medeiros, Antônio Girão Barroso, Antônio Martins Filho, Eduardo Campos, Fran Martins, José Stênio Lopes, João Clímaco Bezerra, Milton Dias, Moreira Campos e tantos outros artistas, não só das letras, que participaram ativamente. Com o passar dos anos, os membros do movimento acabaram por dispersar-se, porém continuaram suas atividades artísticas, cada um com seu estilo e seu modo de expressão, continuando a enriquecer a cena cultural e artística brasileira.

Canto de amor ao Ceará (1985) - Artur Eduardo Benevides

Um dos últimos livros publicados pelo poeta cearense, *Canto de Amor ao Ceará* apresenta uma homenagem em versos a sua terra natal. Carregado de uma atmosfera telúrica Artur Eduardo Benevides constrói por intermédio de seu lirismo elegias, sonetos e poemas das mais diversas estruturas para expressar seu afeto, sua reflexão e sua perspectiva no que concerne ao estado do Ceará. Para isso, as vozes poéticas passeiam em lugares como Pacatuba - município em que nasceu-, Juazeiro, Mombaça, Fortaleza, Redenção e Canindé.

Além de estampar no título do livro, Artur Eduardo Benevides deixa claro sua temática poética logo na seleção de citações para compor o epíteto. Por meio delas, é perceptível verificar a manifestação de carinho e a importância dada ao espaço, onde o poeta nasceu e concebeu um trabalho firme e reconhecido nas letras.

Dos cinco epítetos apresentados, compostos por frases de Pablo Neruda, Sílvio Júlio, Tomaz Lopes e Machado de Assis, o poeta inicia com um verso de Geroge Rodenbach que diz: "Felizes os poetas e escritores que/ conservam sua terra no coração". Assim como o poeta belga que se dedicou a descrever seu lugar de origem, Artur Eduardo destaca em particular, além de lugares cearenses específicos, os costumes e a cultura, não deixando de lado, porém, versos que expõem os impasses ocasionados pela seca e pela pobreza.

Canto de Amor ao Ceará recebeu o prefácio do escritor e participante do Grupo Clã José Alcides Pinto. Ao explicar a publicação, o autor enfatiza dois poemas: “A Elegia Cearense” e o “Cântico dos cânticos”, objeto do nosso estudo. No entanto, cita outras seções que fazem parte da produção:

Os poemas agora reunidos neste *Canto de Amor ao Ceará* foram publicados em diferentes épocas, ou fases de sua militância lírica. “A Elegia Cearense” é peça antológica, já tendo sido tema de vestibular da Universidade Federal do Ceará. O “Cântico dos cânticos”, sobre os sertões, é belíssimo, bem assim o longo poema sobre o Nordeste, os sonetos telúricos e sentimentais e as páginas sobre a cidade de Pacatuba (1985, p.11).

Composto por dez seções nas quais fazem parte: “Em Louvor do Ceará” “Sonetos telúricos e sentimentais”, “Cânticos dos cânticos”, “Poemas e canções”, “Canto de romance da cidade de Pacatuba”, “Outros poemas de Pacatuba”, “Meu padrinho”, “Meu Povo”, “Usando a lira do povo” e “Canto de verão no país do Nordeste”, a obra de Artur Eduardo Benevides expõe uma riqueza de imagens que ajudam os leitores a enxergar a composição de ambientes, concebendo aos vocábulos novos prismas mediante ao lirismo da poesia.

O espaço sertanejo no poema “Cântico dos cânticos”

Na obra *Canto de Amor ao Ceará*, Artur Eduardo Benevides compõe a seção “Cântico dos cânticos” com apenas um poema focando sua temática toda acerca do sertão. O poema encontra-se dividido em 23 partes, enumeradas, cuja quantidade de versos varia a depender da estrofe. Selecionaremos, dentre os 23, sete estâncias poéticas para uma breve análise, que aponta para um diálogo com outras áreas do conhecimento, tais como: a Filosofia e a História.

O título “Cântico dos cânticos” compõe também a estrutura de outras produções poéticas do poeta cearense, estando presente, por exemplo, em *A Rosa do tempo ou o intérimo partir* (1981), além de *Elegias de Outono e Canções de muito amar e de Adeus* (1974), contudo em cada livro o “Cântico dos cânticos” abordará um assunto distinto. No caso do nosso

objeto de estudo, o foco estará na cultura e na memória relacionada ao espaço sertanejo.

Escrito pelo filho do Rei Davi, a expressão “Cântico dos cânticos” refere-se ao “mais belo dos cânticos de Salomão”. Há, no entanto, uma problematização no que concerne à tradução, que culmina em um questionamento acerca da autoria do livro bíblico, uma vez que a expressão “de Salomão” pode ser entendida como sendo “dedicado a” ou ainda como “da autoria de”. Todavia a posição que vigora na atualidade é a de que foi escrito pelo próprio Rei Salomão. O apelo à intertextualidade bíblica revela o caráter espiritual que será evocado nos versos de Artur Eduardo apresentando-se extremamente ligado à terra, relação que vai transcender a configuração de um lugar físico, sendo, assim, um espaço que se fará presente na memória daquele que o vivenciou.

O eu-lírico construirá, por meio de figuras, o Sertão das suas vivências e do seu imaginário. Vale ressaltar que segundo Diana Luz Pessoa Barros o elemento da figura “é a primeira fase da semântica discursiva que se relaciona com um elemento do mundo natural, o que cria, no discurso, o efeito de sentido ou a ilusão de realidade” (2008, p. 87). Isso se configura por meio das descrições seja das mobílias: “de cedro, mogno, jacarandá” (p.50), da vegetação: “E a densa caatinga. O carrascal” (p.50), da fauna: “Ó sertão do cavalo-do-cão! das cigarras” (p.52) ou da cultura: “Sertão do côco e do forrobodó” (p.55). O ambiente sertanejo vai sendo construindo aos olhos e a imaginação do leitor que, por conseguinte, irá elaborar sua própria visão. De acordo com as informações de Janaína Amado:

Segundo alguns estudiosos (Nunes, 1789:428), “sertão” ou “certão” seria corruptela de “desertão”; segundo outros (Teles, 1991), proviria do latim clássico *serere*, *sertanum* (trançado, entrelaçado, embrulhado), *desertum* (desertor, aquele que sai da fileira e da ordem) e *desertanum* (lugar desconhecido para onde foi o desertor (1995, p.147).

Iniciaremos nossa análise com a primeira estrofe do poema, composto por dez versos com rimas intercaladas, responsável por abrir o “Cântico dos cânticos”, apresentando a temática:

1.

Nunca se sabe onde o sertão começa.
 Nunca se ouviu onde seu chão termina.
 O sertão, arco-íris que regressa,
 é uma canção em nós. Ou nossa sina
 E o pátio assombrado dá fazenda.
 Uma velha e pálida moenda.
 Uma vida de dor e disciplina.
 E uma valsa deixada na quermesse.
 O lobisomem, em lenda, se anoitece.
 Ou uma saudade imensa e peregrina.

O eu-lírico inicia os dois primeiros versos direcionando ao pensamento de que o sertão ultrapassa os espaços limitados. Podemos pensar que as fronteiras, aqui, são diluídas perpassando o real e o espiritual, uma vez que “Nunca se sabe onde o sertão começa”, podendo se fazer presente dentro de si, na memória e nas experiências, como é reforçado na estrofe 2: “O sertão/ é o meu coração preso num rio”, apesar de confinado, ele desliza nas reminiscências. Retornando a primeira estrofe, o eu-lírico apela para a simbologia da natureza, a exemplo do arco-íris provando a ligação espiritual que o espaço provoca. Como descreve Chevalier e Gheerbrant: “O arco-íris é o caminho e mediação entre a terra e o céu. é a ponte, de que se servem deuses e heróis, entre o Outro mundo e o nosso” (2006, p.77).

Já no sexto verso, o eu-lírico, ao evocar a lembrança dos objetos evoca, também, a memória da luta sertaneja, nos trabalhos nos moinhos, por exemplo, onde “dor e disciplina” estavam presentes. A descrição da moenda como velha e da fazenda como tendo um pátio assombrado remete à ideia da passagem do tempo que deixa rastros, seja na resistência de um objeto, seja no vazio da fazenda, o eu-lírico é tocado pelas memórias, pelas fábulas contadas e pela vida que ali passou.

No oitavo e nono versos aparecem as primeiras recordações dos hábitos vivenciados, como as danças nas quermesses e a crença em lendas presentes nas narrativas populares e nas rodas de conversas onde o místico costuma permean. No último verso, conclui-se a saudade que restou de todas essas experiências, uma saudade que anda junto ao poeta, pois ela “peregrina”, reforçando a temática saudosista e telúrica presente na seção “Cântico dos cânticos”. A próxima estrofe escolhida acrescentará a composição descritiva do sertão, elaborada em sextilha, combinando três rimas – AABCCB:

4.

É a prece de sol de um curandeiro.
São carnes assadas num braseiro
É um poldro valente a relinchar
Ou o meu rifle a afugentar ciganos.
Os meus olhos altivos, soberanos.
Ou o tempo vagando devagar.

Assim como nos parágrafos seguintes o eu-lírico apresentará figuras que compõem o sertão. Na estrofe 4, teremos a presença do curandeiro, personagem forte nos costumes sertanejos, solicitado para busca da cura de doenças por meio das orações, representando, assim, um traço do misticismo popular. Isso é reforçado na estrofe 21 quando diz que o sertão: “Nas leis de Deus tens fé, temente/ és messiânico e valente”. Importante ressaltar, que a religiosidade faz parte da cultura sertaneja, por meio da manifestação de crenças e rituais responsáveis por influenciar o viver dos habitantes dessas localidades.

A figura do cigano, podendo se fazer presente no sertão, caracteriza-se por ser participante de grupos nômades que se estabelecem em áreas vazias contribuindo, dessa forma, com a atmosfera mística transcendental daquele ambiente. No caso do poema, os ciganos parecem ser vistos como ameaça, uma vez que possuem uma cultura e um modo de vida distintos, no qual o sujeito poético afirma: “Ou o meu rifle a afugentar ciganos”.

Nos dois últimos versos perceberemos a temática do apego à terra sendo clamada novamente. No verso 5, teremos a contemplação do espaço, ao dizer “olhos altivos, soberanos”; já no sexto, temos uma referência ao tempo. Para o eu-lírico o sertão relaciona-se ao “tempo vagando devagar”, o vagar alude novamente as recordações que permaneceram e compuseram aqueles que ali viveram. Para Santo Agostinho (354-430) o tempo tem uma perspectiva mais psicológica. O pensador trata do tempo enquanto distensão dos movimentos da alma humana e não como algo físico constituído a partir do movimento de corpos externos, como o Sol e a Lua. Agostinho não defende a separação entre tempo e alma, relacionando a forma do sentido interno, ligado ao nosso estado interior.

Construído em décimas, a sexta estrofe selecionada apontará para a busca de uma definição acerca do sertão, assim como acontece em outras partes que compõem o poema. O anseio por elucidar como seria e o que seria esse espaço simbólico se faz por meio de imagens, metáforas e descrições.

6.
O sertão
é a sagrada a hora e a vez da apartação.
a memória do açude que morreu
a força solitária de Anteu
ou minha santa e bela romaria
a igreja no fim da sesmaria.
Os verdes canaviais. Os carnaubais
ou o doce embonecar de pés-de-milho
o meu cavalo árdego e tordilho
Mus velhos embornais.

Para o sujeito poético, o sertão seria “a sagrada a hora e a vez da apartação”. Esse sentimento de apartação, de separação referindo-se aqueles que precisaram sair de sua terra natal, geralmente devido à seca, é muito comum na literatura dita regionalista, porém libertando-se das classificações, essa arte literária acaba por retratar a condição humana dos sertanejos que eram submetidos ao descaso governamental.

Essa partida inevitável, uma vez que as agruras ocasionadas devido à falta da chuva, fazia necessário partir, é denominada como sagrada, apontando para uma perspectiva espiritual. A referência à seca é reforçada no segundo verso “a memória do açude que morreu”, em decorrência da seca restou apenas a lembrança do açude. Esse tema também é mencionado na estrofe 9:

Mas como a morte a surpreender
Minha vontade de viver
A seca estende a sua mão
Pela amplidão
E as ovelhinhas (engraçadinhas)
Telengolengam pelos cercados
Abandonados
E tudo dói na solidão

A figura da morte relaciona-se à seca, porém contra essa questão tem-se a “vontade viver” e vencer todo o desolamento retratado pelos cercados vazios, pela dor da solidão. Retornando a sexta estrofe, veremos sentido semelhante sendo expresso, no qual em oposição à ideia desoladora do sertão sem água terá a “força solitária de Anteu”.

Isso porque, nos versos de Artur Eduardo Benevides, Anteu seria uma menção ao gigante, segundo a mitologia grega, o filho de Poseidon e Gaia. Anteu adquiria suas forças em contato com o chão, pois sua mãe era também a mãe-terra, já sua fraqueza acontecia quando tentavam tirá-lo do chão. Essa referência nos faz lembrar das palavras de Euclides da Cunha, em *Os Sertões* que dizia “o sertanejo é antes de tudo um forte” (2012, p.441).

Perceberemos uma simbologia trabalhada pelo poeta cearense ao referir-se a esse ser mitológico, posto que assim como Anteu a representação da figura sertaneja é sempre vista como aquela ligada à terra. As pessoas partem, no entanto há sempre o desejo de retornar, contribuída por relação afetiva e mística com seu torrão natal. Nos versos seguintes, veremos novamente o sertão da fé “santa e bela romaria/ A igreja a da sesmaria,- aclamado também na estrofe 9: “Sertão das bênçãos e ladainhas”, fé esta que traz forças aos sertanejos. Depois segue-se as descrições da fauna e flora locais, na presença do canavial e da carnaúba.

Na parte 7, composta por 14 versos construídos com rimas emparelhadas, veremos logo no início a exclamação do sujeito poético que profere sobre uma existência caracterizada como “multiplica e estoica”:

Longa História de amor. Canção heroica.
 Meu rincão leal e verdadeiro
 lembrando a insurreição de Juazeiro
 Ou a República de Icó. A confederação
 do Equador, em eterna pulsação
 E o longínquo tropel dos cangaceiros.
 Os alazões. Os bravos cavaleiros.
 Os que não temem sustos nem visagens
 e de epopeias ficam personagens.
 Ou que correm na mata e lançam bois e
 não pensam no agora e no depois.
 E sendo fortes e valentes sendo
 as secas e as enchentes vão vencendo.

A multiplicidade da vivência pode se dá na possibilidade do eu-lírico encontrar-se no seu sertão real, mas também no imaginário uma vez que as recordações são fortes, transformando os fatos em poesia. Além de múltipla, ele se refere como sendo estoica relacionada a uma corrente da filosofia helenística. Segundo Marilena Chaui, “O estoicos afirmavam que só existem corpos (mesmo a alma era corporal, sendo um sopro sutil e invisível, o pneuma)”, no entanto essa mesma corrente afirmava que havia coisas que subsistiam por meio de outras, sendo incorporais, uma exemplo seria a linguagem (2001, p.192).

Nos versos seguintes, a voz apelará para os fatos históricos e políticos tais como: a Insurreição de Juazeiro, A República do Icó, A Confederação do Equador, nas quais a região nordeste se faz protagonista. Além desses fatos, temos a alusão a figuras histórias como a dos cavaleiros e a dos cangaceiros por intermédio da comparação. Vale ressaltar que no sertão, principalmente, o nordestino tem uma grande influência da cultura medieval, como na poesia popular e na cantoria.

Na estrofe 7, os cangaceiros aproximam-se de figuras heroicas, lutando para vencer as problemáticas ocasionadas pela seca, sendo eles personagens de epopeias, ou seja, narrativas que tratam os feitos dos heróis. Segundo Albertina Vicentini, “o sertão detém um universo psíquico mais ritualizado, com formas de pensamentos mais míticas e agônicas (...) e o sentido imaginário propriamente falado – quando o sertão avulta como local de vida heroica ou trágica, de vida salutar e genuína, ou vida identitária” (2007, p.189). Sabemos também que a imagem do cangaceiro é complexa, uma vez que o cangaço foi visto como um movimento de banditismo.

A partir da estrofe 8 veremos o eu-lírico evocar o sertão como se ele ocupasse um papel de entidade, perceberemos um clamor e esse mesmo ardor telúrico iremos verificar na estrofe 9: “Ó sertões dos mourões e das taquaras”, na 11: “Ó sertão do cavalo-do-cão”, na estrofe 13: “ Ó chão dos meus aléns/ e meus teréns!”. Vejamos um trecho:

Oh, o sertão!
Um mar
de encantação.

Um mar
de cantochão.
Um mar
(ao norte e ao sul)
a renovar o azul
de exílios da canção

No trecho acima teremos a antítese sertão e mar, apresentando a ideia de que o sertão tem a extensão do mar composto de encantação e de cantochão, referindo-se ao canto religioso, da liturgia católica comum na Idade Média. Eis mais uma vez a presença medieval no espaço sertanejo. Segundo a pesquisadora Amado, as imagens do mar e do sertão são opostas, mas também complementares:

Opostas, porque uma expressava reverso da outra: litoral (ou “costa”, palavra mais usada no século XVI) referia-se não somente à existência física da faixa de terra junto ao mar, mas também a um espaço conhecido, delimitado, (...) dominado pelos brancos, um espaço da cristandade, da cultura e da civilização (Freyre, 1977; 1984); “Sertão”, já se viu, designava não apenas os espaços interiores da Colônia, mas também aqueles espaços desconhecidos, isolados perigosos (...). Ambas foram complementares porque, como em jogo de espelhos, uma foi sendo construída em função da outra, refletindo a outra de forma invertida (1995, p.149)

Toda a seção estudada acima está permeada pelas reminiscências do eu-lírico. É a memória a grande responsável por construir esse sertão figurado, contribuída tanto pelas experiências pessoais como pela experiência coletiva, de acordo com Joel Candéau:

A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança. Pela retrospectão o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajuda-lo a encarar sua vida presente. (2012. p.15)

Considerações finais

A seção “Cântico dos cânticos” presente no livro *Canto de amor ao Ceará* comprova a riqueza poética de Artur Eduardo Benevides, no qual, por meio dos versos expostos, percebemos o labor lírico ao representar o sertão, lugar de afeto e reminiscências, construído por meio de imagens que evocam a cultura, os mitos e os costumes sertanejos, agregando, assim, simbologia ao imaginário referente a esse espaço místico.

Devemos ressaltar que o sertão figurado é, sobretudo, o do Ceará, terra natal do poeta. Percebemos isso nos exemplos apresentados na estrofe 13: “Sertão do gravatá/ Sertão do Ceará”; na estrofe 18: “Da macaxeira. Da lavadeira/ que lava os sonhos do Ceará” ou estrofe 22: “onde as boiadas nas madrugadas/ enxugam o orvalho do Ceará”. Contudo, em certo momento, há uma alternância com os nomes das cidades do estado do Rio Grande do Norte, na estrofe 22: “No Caicó. No Mossoró./ No Cariré. No Canidé./ No Tianguá. No Quixadá/ Ou no Icó.

A partir da breve análise de algumas partes selecionadas, podemos ter uma noção de como o sertão cumpre um papel importante não só nas artes, como cinema e literatura, mas também na vivência das pessoas que por lá passaram. Existe uma relação afetiva, simbólica e religiosa com a terra natal que reverbera perante toda a vida, caracterizada pelo eu-lírico em “Cântico dos cânticos” que descreve a fauna, a flora, os hábitos, as crenças o sistema com cangaceiros e coronéis, além das adversidades como a seca que provoca a emigração.

Para os leitores fica a vontade de mergulhar com mais profundidade nos versos do poeta reconhecido nas letras cearenses pelo seu lirismo, mas que em “Cântico dos cânticos” rompe com a estética tradicional oferecendo às palavras novos prismas e à estrutura novas formas, como percebemos no último verso. Isso tudo apelando para a memória que recorre às experiências e às sensações, principalmente as de natureza visual. Nesse poema, o escritor mostra uma faceta popular e telúrica, digna de ser uma bela homenagem ao estado do Ceará, um poeta que capta do seu tempo a beleza de sua terra.

Referências

- AGOSTINHO, Santo bispo de Hipona. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos et. al. São Paulo: Abril Cultural, 1987.
- AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos** Rio de Janeiro, Vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151. Disponível em: bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index:03/02/2017.php/reh/article/viewFile/1990/1129. Acesso em: 03/02/2017
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2008.
- BENEVIDES, Artur Eduardo. **Canto de amor ao Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 1985.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHAU, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora ática, 2001.
- CHEVALIER, Jean e CHEERBRANT, Alain (Org.). **Dicionário de Símbolos**. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Montecristo Editora, 2012.
- MORAES, Vera, GUTIÉRREZ, Angela e REMÍGIO, Ana. **Homenagem aos 60 anos de Clá – Revista de Cultura**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2007.
- VICENTINI, Albertina. Regionalismo Literário e sentidos do Sertão. **Sociedade e cultura**, Vol. 10, n. 2, jul./dez. 2007, p. 187-196. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/3140/3145>. Acesso: 03/02/2017.